



## O CANIBALISMO NO RELATO DE VIAGEM DE HANS STADEN

Rodrigues de Souza BORTOLOZZO (UNEMAT)<sup>1</sup>

**Resumo:** O canibalismo, tão condenado por questões morais e éticas contemporâneas, foi um hábito existente ao longo da história. Longe de uma conotação que associa algum tipo de ritual religioso e o consumo de carne humana, é uma prática dotada de diferentes motivações e características. Canibalismo pode ser definido como o ato de comer carne ou parte do corpo de um indivíduo da mesma espécie. Esta prática foi muito relatada pelos Europeus, durante a época das grandes navegações e descobrimentos marítimos, nos séculos XV e XVI. Ao entrarem em contato com os nativos de diversas culturas os viajantes ficavam chocados com os atos de canibalismo. Também chamado de *Antropofagia* é o ato de comer uma parte, ou várias partes de um ser humano, os indígenas praticavam pensando que iriam ter as habilidades e força das pessoas que comiam. O sentido etimológico original da palavra "antropófago" (do Grego *anthropos*, "homem" e *phagein*, "comer") foi sendo substituído pelo uso comum, que designa o caso particular de canibalismo na espécie humana.

**Palavras-chave:** Canibalismo. Viagem. Hans Staden. Indígenas.

**Abstract:** Cannibalism, as convicted of contemporary moral and ethical issues, it was a habit exists throughout history. Far from a connotation that associates some kind of religious ritual and consumption of human flesh, it is a practice endowed by different motivations and characteristics. Cannibalism can be defined as the act of eating meat or body part of an individual of the same species. This practice was very reported by Europeans during the time of the great maritime discoveries and navigations, the fifteenth and sixteenth centuries. In contacting as many native cultures travelers were shocked by the acts of cannibalism. Cannibalism also called anthropophagy is the act of eating a part or several parts of a human being, indigenous people were thinking that they would have the skills and strength of the people who ate. The original etymology of the word "cannibal" (from Greek *anthropos*, "man" and *phagein*, "eat") was being replaced by common usage, it refers to the particular case of cannibalism in humans.

**Keywords:** Cannibalism. Travel. Hans Staden. Indigenous.

### 1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo compreender o canibalismo da forma como foi vista por Monteiro Lobato na obra, "As aventuras de Hans Staden", mostrando a cultura do canibalismo praticada pelos indígenas e o relato de viagem do viajante Hans Staden. Este trabalho contribui para uma construção e significação do pensamento dos Europeus sobre o canibalismo. Assim, a obra de Staden nos possibilita entender a visão desse sujeito que,

<sup>1</sup> Graduando em Letras Pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Cáceres-MT/Brasil.

[rodriguesbortolozzo@hotmail.com](mailto:rodriguesbortolozzo@hotmail.com)

Trabalho orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Olga Maria C. Mendes.



estando num ambiente hostil e diferente do que lhe era habitual, encontra no pensamento social e cultural de sua época respostas perante aquilo que a ele era desconhecido e estranho, e ainda acaba adaptando-se, resistindo, sobrevivendo e, além disso, procurando posteriormente documentar, por meio da literatura e, na história, suas memórias relatadas nas viagens feitas ao Brasil. Portanto serão apresentados os resumos dos relatos de viagem de Staden ao Brasil, o canibalismo como cultura Indígena e o papel da viagem e do viajante no século XV e XVI.

## 2. As duas Viagens de Hans Staden

Os relatos de viagem do Alemão Hans Staden descrevem resumidamente as duas viagens que realizou para o Brasil. O relato das aventuras de Staden é uma adaptação de Lobato, a escrita é feita em uma linguagem bastante simples e nos mostra as aventuras e desventuras desse Europeu ao ser capturado por um grupo de índios Tupinambás e ser constantemente ameaçado de virar refeição nos rituais de antropofagia realizados nas aldeias. O tempo total das viagens é de oito anos e meio.

Em sua primeira viagem Partiu de Bremen, na atual Alemanha, Hans Staden passou pelos países Baixos e chegou a Portugal. Como descreve Lobato “todos nós temos um destino na vida; se o teu destino é viajar, que se cumpra”. De Portugal partiu para a capitânia de Pernambuco, onde chegou em Janeiro de 1528. (LOBATO, 1927, p. 124). A embarcação Portuguesa em qual estava tinha o principal objetivo de recolher Pau-Brasil, mas também deveria combater quaisquer navios Franceses que estivessem a negociar com os nativos.

Em sua segunda viagem, Staden partiu de Sevilha rumo ao Rio da Prata em um navio espanhol em 1549, mas o navio veio a naufragar no ano seguinte, no litoral do atual estado brasileiro de Santa Catarina. (Iden, *Ibiden*, p. 144) Os integrantes da expedição, depois de passarem dois anos na região, decidiram rumar para a cidade de Assunção, uma parte deles iria por terra e outra parte por navio. Staden se juntou ao segundo grupo e rumou para a cidade de São Vicente, onde tentaria fretar um navio capaz de chegar a Assunção. Antes de chegar a São Vicente, porém, o navio de Staden naufragou próximo a Itanhaém. Seus ocupantes conseguiram nadar até a praia. De lá, foram a pé até São Vicente, onde Staden foi contratado como artilheiro pelos colonos portugueses para defender o Forte de São Filipe da Bertioga, que se localizava nas proximidades da cidade. Enquanto caçava sozinho fora dos limites do forte, ele fora capturado, Staden foi feito prisioneiro por uma tribo tupinambá que o



conduziu à aldeia de Ubatuba que ficaria localizada na atual cidade de Ubatuba, no estado de São Paulo.

Desde o início os Índios Tupinambás queriam devorá-lo, mas pouco tempo depois os Índios Tupiniquins, aliados dos Portugueses atacaram a aldeia dos Tupinambás onde Staden estava preso feito um “bicho de estimação” de seus “donos” indígenas. O desejo de Staden era tentar fugir, mas o pedido de ajuda aos navios Português e Francês foi recusado. Por fim Staden Foi resgatado por um navio Corsário Frances Catherine de Vatteville comandado por Guillaume Moner, depois de mais de nove meses. (COLBEN, 1557).

### 3. O papel da Viagem e do Viajante no relato de Lobato

O viajante teve um papel muito importante nos séculos XV e XVI, pois durante os percursos eles escreviam minuciosamente em seus diários fartamente ilustrados com anexos de escrita e pinturas. Entre os séculos XV e XVI diversos viajantes Europeus estiveram no Brasil e registraram suas impressões. Escreveram basicamente relatos das viagens, depoimentos que tinham por objetivo apresentar aos compatriotas um panorama do Novo Mundo, concebidos sobre tratados, diários, cartas e crônicas. A intenção dos viajantes com seus relatos era ampliar o conhecimento científico, enriquecer a humanidade com informações inéditas, com descrições de animais estranhos, diferentes, árvores de diferentes qualidades e povos exóticos com os mais variados costumes. A viagem possibilita o conhecimento do novo, de outras culturas, de outros locais, de novas relações.

Pode-se afirmar a existência de uma estética condizente com pontos de vista de viajantes. A viagem sempre foi um meio eficiente, melhor dizendo, um método pelo qual o sujeito deixa o âmbito cotidiano e a esfera do mesmo para experimentar o outro ponto de vista, outra visão, quer desvendando a diversidade do mundo quer colocando em confronto o universo interior e exterior (BELLUZZO, 1994, p. 34).

A ciência em desenvolvimento buscava respostas que estavam permeadas por interpretações propostas pela Igreja Católica, por credence, e por relatos e fala de viajantes. Era um mundo desconhecido, onde se conhecia pouco das terras e povos, era a busca do conhecimento, de descobri-lo, de desvendar a imaginação e o medo de quem não conhecia o chamado Velho Mundo:



A América, mesmo antes de ser descoberta, fazia parte da ficção. A visão de um outro mundo muito distante e difícil de ser alcançado cristalizava-se, com o passar dos anos, em imagens. O oceano era repleto de monstros, e o paraíso, exuberante. As informações trazidas pelos viajantes, cheias de detalhes, despertavam um impulso que ia muito além dos limites impostos pela realidade. Acostumado a meditar, o homem medieval divertia-se com medo e com prazer manipulando o seu imaginário (THEODORO, 1991-a, p.11).

Nesse processo o Viajante se torna um narrador, um contador, pois, ele relata tudo o que vê pelo seu caminho. Estes viajantes mostraram curiosidade e espanto diante do mundo novo que descobriram.

#### 4. Canibalismo humano como cultura

A cultura é o conceito de varias acepções, segundo Edward B. Tylor (1832), ela é todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Canibalismo é o ato ou prática de comer membros de sua própria espécie. É um ritual aplicado como cultura para as tribos Indígenas. O termo se aplica a qualquer animal, embora o termo seja usado frequentemente para se referir ao homem canibal que come outro ser humano. O inimigo capturado vivo era conduzido à aldeia dos vencedores e ali mantido prisioneiro durante um período no qual todas as honras e privilégios lhe eram concedidos, era designado uma mulher para lhe fazer companhia e os melhores alimentos eram colocados a sua disposição. Os Tupinambás é o nome de um povo indígena brasileiro descendente da tribo tupi que do século XV até o século XVI, habitava duas regiões da costa brasileira. As diversas tribos tupinambás possuíam uma língua comum, conhecida como tupi, porém não mantinham uma unidade e chegavam até mesmo a guerrear entre si.

Esse grupo de canibais era o principal povo com rituais canibais nestes dois séculos. No relato de Lobato vivido por Staden, Cunhambebe era o chefe desta tribo, era terrível, comedor de inimigos, era guerreiro de valor, era horripilante e sem piedade. Nota-se que essas são as principais características deste herói, chefe dos tupinambás:

Ilustríssimo Cunhambebe. Permitam-nos considerá-lo o primeiro herói deste país de aventureiros, náufragos, degredados, traficantes, piratas e contrabandistas. Um tipo inesquecível. [...] Tinha um ódio mortal aos colonizadores. Tanto que era capaz de ficar dias e dias sem comer se não tivesse um português moqueado para o seu repasto. Portanto: o primeiro rei do Brasil era um canibal. Devorava o inimigo vencido, solenemente, para



recuperar as energias despendidas no embate [...] (TORRES, 2003, p. 37; 42).

O ritual antropofágico segue a lógica da guerra tupi: vingança, aprisionamento e sacrifício, e todo esse processo é resgatado na narrativa de D. Benta na obra de Monteiro Lobato. Neste sentido, o sentimento de vingança, justificativa para os conflitos entre aldeias, está presente tanto no responsável pela captura do inimigo, quanto no prisioneiro, que reage com a mesma hostilidade com que é tratado. O branco, ao contrário, apavora-se com a ideia de ser devorado, e sua aflição é interpretada como sinal de covardia, sendo assim, Hans Staden manteve a mesma covardia, e começou a rezar em uma imensa aflição com os olhos em pranto, ao vê-lo nesse estado, os índios escarneceram, ou seja, zombaram. Em geral os brancos, porém, se acovardavam, choravam e pediam misericórdia. Tratando-se da captura de Hans, sorte dele a curiosidade das mulheres da tribo de vê-lo, pois senão seria morto ali mesmo onde fora capturado, ou seja, o seu tipo louro, tão diferente do tipo dos Portugueses e tão raro naquela região, fez com que o cacique tivesse aquela lembrança, amarraram-no e levaram para a taba. Se fosse moreno, estaria perdido.

Durante vários dias preparavam festa para o prisioneiro que seria executado segundo o ritual. A execução, com violento golpe de borduna, cabia a quem o houvesse capturado, podendo ser por este transferido a alguém merecedor de tal obséquio, gentileza ou gratidão em sinal de agradecimento ou homenagem.

O chefe ordenara que cada qual levasse o seu prisioneiro para um sítio limpo adequado às danças, feito isso principiaram as cerimônias, os prisioneiros eram obrigados a cantar e chocalhar os maracás, enquanto os índios lhes dançavam em redor. (LOBATO, 1927, p. 232)

Ao prisioneiro competia manter-se valente e altivo, retrucando as provocações e insultos numa demonstração de total indiferença ante o fim próximo. Ao executor, ganhava então direito ao uso de mais um nome, e seu corpo era incisado de modo indelével, para que se perpetuassem a sua coragem e o seu valor. Dessa forma acreditavam que ao comer a carne de um inimigo guerreiro, iriam assim adquirir o seu poder, sua força, sua inteligência e, sucessivamente as suas qualidades.

## 5. Considerações finais



O objetivo deste artigo foi mostrar as significações, ou seja, a cultura introduzida pelos índios tupinambás dessa visão nostálgica e irreal. Deixar claro a importância dos Viajantes e da Literatura, pois, sem eles não seria possível relatar tantos documentos históricos, valiosos para se compreender as representações que a sociedade determinava ao longo do tempo. Esse contato com as tribos canibais deixou uma forte marca nos viajantes, pois essa prática de canibalismo provoca um grande choque no outro, pois é estranho. Os índios durante muitos anos causaram medo aos colonizadores que, para desbravarem estas terras, tiveram que lutar, para exterminar essas nações selvagens. Portanto demonstramos aqui os costumes indígenas como atos bárbaros de povos incultos, justificando a luta do bom herói Hans Staden para livrar desta Antropofagia e alcançar um final feliz.

## 6. Referências

ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. **Torna-se outro: o topos Canibal na Literatura Brasileira**. Ed. Annablume, 2002.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. **Xamanismo e sacrifício**. in: A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. SP, Cosac & Naify, 2002

Disponível no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Antropofagia>> Acessado no dia 03 de Novembro de 2013.

Disponível no Site: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hans\\_Staden](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Staden)> Acesso em 28 de Outubro de 2013.

LOBATO, Monteiro. **As aventuras de Hans Staden**. 1º Ed.; Cia editora nacional, Rio de Janeiro, 1927.

SILVA, Rafael Pereira da. **As desventuras de um renascentista entre os Tupinambás: a visão do viajante Hans Staden sobre as terras e os povos do Brasil**. Disponível no site: <http://br.bing.com/search?FORM=UP97DF&PC=UP97&q=As+desventuras+de+um+renascentista+entre+os+Tupinamb%C3%A1s+a+vis%C3%A3o+do+viajante+Hans+Staden+sobre+as+terras+e+os+povos+do+Brasil> Acesso no dia 10 de Novembro de 2013.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

THEODORO, Janice. **Descobrimentos e Colonização**. São Paulo: Ática, 1991.

TORRES, Antônio. **Meu querido canibal**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.